

IDOSOS E MAIS IDOSOS NA CONVIVÊNCIA FAMILIAR CONTEMPORÂNEA

F. D. Valéry (1); L. H. C. de Gois (2); L. V. Nunes (3)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – françoisevalery@hotmail.com

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – luciahelenagois@gmail.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Rio Grande do Norte – laetita.valery@ifrn.edu.br

Resumo: Investigar a convivência familiar contemporânea decorrente das consequências do processo de envelhecimento é foco de trabalhos de nosso grupo de pesquisa (CNPq) nos últimos anos. Se, algum tempo atrás, os/as avós foram tirados da invisibilidade, consolidando seu papel como protagonistas nas cenas das relações familiares, hoje novas figuras familiares emergem, tais como os/as bisavós e trisavós. No entanto, apesar de sua presença se afirmar em número e contribuição às relações familiares, permanecem como os grandes esquecidos da sociedade, tendo também pouco destaque e visibilidade nas pesquisas. Conforme recentes estudos mostram, fica cada vez mais patente que os mais idosos formam um novo e crescente grupo social, consequência do atual processo de envelhecimento populacional e das transformações das relações sociais e familiares no Brasil. Portanto, o objetivo é refletir sobre o papel que os mais idosos desempenham nas famílias de hoje, a partir de categorias de análise extraídas de entrevistas realizadas com idosos (homens e mulheres) em 2015 e 2016. Interessante se faz notar que a bibliografia referente ao tema das famílias com quatro ou mais gerações ainda é escassa, enquanto a relativa ao papel que os/as avós desempenham na vida familiar e social começa a ser significativa. No entanto, é quase unanimidade entre os pesquisadores de que, mesmo com o crescente reconhecimento da importância e das implicações do envelhecer nas sociedades contemporâneas, tanto os/as avós como os/as bisavós e trisavós ainda não ocupam um espaço privilegiado na academia, tanto nos espaços sobre as questões da família contemporânea como naqueles que pesquisam e tratam do envelhecimento. No entanto, os membros da família pertencentes às gerações mais velhas estão cada vez mais presentes e reivindicam um lugar na família e na sociedade contemporânea, tanto como exemplo de vida e superação como em situações que se repetem em todas as classes sociais. Tendo em vista que a condição de mais idoso oscila entre autonomia e dependência, há muitos idosos vivendo só ou em situação de co-habitação ou da co-residência intergeracional: além dos idosos, seus filhos e netos, há outros parentes presentes, dentre os quais os próprios pais dos idosos, em alguns casos seus avós. Nos atos da vida cotidiana (em refeições feitas pela família fora de casa nos domingos, como hoje é hábito) e nas festas de família (aniversários, batizados, bodas, por exemplo), lá estão os novos sujeitos. Entrevistá-los foi o meio escolhido para resgatar as suas trajetórias e histórias de vida, no intuito de contribuir para um novo olhar sobre as consequências do processo de envelhecimento no Brasil.

Palavras-chave: Envelhecimento humano; Condições de vida; Mais idosos; Brasil.

Introdução

Investigar a convivência familiar contemporânea decorrente das consequências do processo de envelhecimento é foco de nossos trabalhos nos últimos anos. Já que novos sujeitos tendem a aparecer e firmar seu papel na família e na sociedade. Se, algum tempo atrás, os/as avós foram tirados da invisibilidade, consolidando seu papel como protagonistas nas cenas das relações familiares, hoje novas figuras familiares emergem, tais como os/as bisavós e trisavós. No entanto, apesar de sua presença se afirmar em número e contribuição às relações familiares, permanecem como os grandes esquecidos da sociedade, tendo também pouco destaque e visibilidade nas pesquisas. Conforme recentes estudos mostram, fica cada vez mais patente que os mais idosos formam um novo e crescente grupo social, consequência do atual processo de envelhecimento populacional e das transformações das relações sociais e familiares no Brasil.

Objetivo e Metodologia

Portanto, o objetivo do presente trabalho é refletir sobre o papel que os mais idosos desempenham nas famílias de hoje, a partir de categorias de análise extraídas de entrevistas realizadas com idosos (homens e mulheres) em 2015 e 2016, bem como de coleta de dados bibliográficos e documentais, basicamente dados demográficos do IBGE e resultados de investigações realizadas por pesquisadores do IPEA, da FIOCRUZ, dentre outras instituições universitárias de renome.

Interessante se faz notar que a bibliografia referente ao tema das famílias com quatro ou mais (gerações ainda é escassa, enquanto a relativa ao papel que os/as avós desempenham na vida familiar e social começa a ser significativa. No entanto, é quase unanimidade entre os pesquisadores de que, mesmo com o crescente reconhecimento da importância e das implicações do envelhecer nas sociedades contemporâneas, tanto os/as avós como os/as bisavós e trisavós ainda não ocupam um espaço privilegiado na academia, tanto nos espaços sobre as questões da família contemporânea como naqueles que pesquisam e tratam do envelhecimento.

Como atingi-los foi uma inquietação de nosso grupo de pesquisadoras, que ao longo do tempo, construíram uma longa agenda de contatos a fim de selecionar os sujeitos de futuras pesquisas. Uma das técnicas mais frutífera foi a da “bola de neve” quando algum informante passa informações sobre sujeitos, esses mesmos repassando contatos sobre futuros respondentes. Além disso, vários trabalhos desenvolvidos com “grupos focais” em diversas situações alimentaram nossa agenda de

sujeitos. No entanto, sempre havia preocupação em acompanhar a situação de saúde e disponibilidade de nossos sujeitos, tendo em vista as possíveis perdas ou dificuldades em marcar encontros, as vezes frutos de desentendimento dentro das próprias famílias. Após achá-los, entrevistá-los foi o meio escolhido para resgatar as suas trajetórias e histórias de vida, no intuito de contribuir para um novo olhar sobre as consequências do processo de envelhecimento no Brasil.

Resultados e discussão

De que grupo humano estamos falando? Quem são essas pessoas de mais idade que frequentemente formam a terceira, quarta, até quinta geração presente nos arranjos domiciliares inter geracionais que encontramos durante a pesquisa de campo. É com frequência a pessoa com mais idade naquela configuração familiar, mas, contrariando preconceitos acerca da associação entre idade e status familiar, notamos que os mais idosos frequentemente estão presentes em faixas etárias que iniciam nos sessenta, mas percorrem os setenta, oitenta, noventa, cem anos e mais.

Conforme já mostramos em pesquisas anteriores (VALERY, 2015), há uma tendência notável para que a aquisição do status de idosos e mais idosos se dê cada vez mais em adultos envelhecendo e idosos jovens (entre 55 e 70 anos). Esse recorte etário é importante porque remete a uma diversidade de situações que podem ser elencadas tais como: a multiplicação dos arranjos familiares que aproximam pessoas de gerações não sucessivas (avos e netos por exemplo); amudança nos padrões familiares até então bastante rígidos ou rigidamente “protegidos” em termos jurídicos; a atualização dos papéis familiares com a interferência de relações afetivas consideradas mais importantes que os laços de sangue; a afirmação de novas formações familiares onde os idosos são provedores de seus netos (SANTANA, 2011) e ainda cuidadores de seus próprios pais, dentre outros.

Talvez o papel mais importante desempenhado pelos mais idosos seja o da manutenção (real e simbólica) dos vínculos familiares e comunitários. Com isso, os mais idosos tendem a substituir ou complementar o papel dos avos na vontade de perpetuação dos laços familiares e na função de transmitir ou assegurar uma identidade genealógica, ao longo das gerações. No Nordeste, onde pesam bastante as tradições familiares, o sentimento de pertencimento parece se fortalecer com a organização de encontros multigeracionais de familiares (em centros comunitários ou sítios e fazendas do interior do estado), com dezenas, até centenas de participantes vindos de todo o país, naquele momento de celebração juntos em torno dos mais velhos. São eventos hoje amplamente

divulgados pelas mídias locais e redes sociais, representativos desta busca pela manutenção dos laços familiares.

O aparecimento e multiplicação dos mais idosos no cenário social e familiar também contribui para atenuar os preconceitos desfavoráveis à velhice enquanto símbolo de decadência e decrepitude, que antigamente pesavam quase que exclusivamente sobre os avos. Ao assumir o papel de representantes das gerações com mais idade, liberam os demais do peso deste preconceito, já que os/as avos gostam de aparecer cada vez mais “jovens” e socialmente úteis à família e a sociedade, enquanto “os velhos são os outros” (VITALE, 2005; MOTTA, 2007).

Haveria certa dissociação dos papéis antes associados só aos avos, como a educação dos netos e bisnetos por exemplo: caberia mais hoje aos mais idosos contar histórias, oferecer pequenos presentes e mimos, guloseimas e passeios, transmitir as histórias familiares...enquanto os avos acabam tornando-se cada vez mais parceiros dos filhos e companheiros de brincadeiras dos netos, que ajudam a sustentar, acolher e cuidar ao cotidiano. Nas portas das creches, escolas e colégios, os avos estão cada vez mais presentes; têm seu dia e são festejados como pais e mães. O que não acontece ainda com os mais velhos. No entanto, cabe ressaltar, acompanhando Ferrigno (2006), que se multiplicam os exemplos de coeducação entre as gerações, fruto não somente da longevidade mas também das oportunidades de prolongar o papel dos mais idosos junto aos mais jovens (crianças, adolescentes e jovens adultos), principalmente quando os idosos passam a precisar cada vez mais do amparo dos mais jovens.

No entanto, com o alargamento da expectativa de vida, “pode se passar boa parte da vida adulta na condição de avós, tios-avós e bisavós” (VITALE, 2005, p. 99). Situação definitiva que obriga a pessoa a assumir nova identidade na sucessão das gerações, e acaba provocando séria crise de identidade (EWALD, 2005), isto porque o círculo familiar tende a atribuir nova identidade a pessoa mais velha sem deixar claro seu papel, fazendo com que esta se sinta sem muita noção do que se espera dela ou dela. “Afinal, para que serve uma bisa? Parece que ninguém sabe” confienciava uma entrevistada de 83 anos, de classe média-alta, residente em Natal num apartamento de condomínio vertical, com os dois filhos (divorciados) mais velhos, uma neta (solteira) recém-formada em direito, ao anunciar o nascimento de sua segunda bisneta.

Esse fenômeno percorre todas as classes sociais e as relações entre gêneros, pois homens e mulheres dão um sentido diferente aos papéis que estão levados ou obrigados a assumir (KUCHEMAN, 2012). “Das mulheres (que estão envelhecendo) se espera e se delega a assistência à geração mais nova e às mais velhas”, afirma Alda Britto da Motta (2007), salientando o quanto esse ponto de vista naturaliza a atribuição de tarefas desiguais entre homens e mulheres. Neste ponto de vista, a geração mais velha tende a ser quase que exclusivamente feminina, tendo em vista as diferenças entre expectativas de vida entre homens e mulheres e o aumento da porcentagem de idosas longevas. O que concorre para acentuar do fenômeno da chamada “feminilização da velhice” (DANIEL et al, 2012).

Assim, as mulheres de meia idade entrevistadas por nós (VALERY, 2012) reclamavam do fato de estarem pressionadas para conciliar demandas contraditórias e as vezes insuportáveis, tendo que adiar ou subverter projetos de vida pessoais (realização pessoal, trabalho, relacionamento afetivo) para investir em obrigações familiares de atenção e cuidado com os mais jovens e os mais velhos, o que não deixava de gerar insatisfações e conflitos. Enquanto as relações dessas mulheres com gerações mais novas eram vistas como mais prazerosas e socialmente úteis, as suas relações com gerações mais velhas revelaram-se como mais conflitivas e desgastantes, gerando profundas implicações sociais, emocionais, afetivas e financeiras nas suas vidas.

Que lições podemos tirar da crescente presença das pessoas mais idosas na família e no meio social? A longevidade e a melhora da qualidade de vida da população idosa produziram e produzem efeitos significativos sobre os arranjos familiares e domiciliares, que se diversificam e se multiplicam, como mostram dados do Censo do IBGE, das PNADs e de outras fontes (IPEA). Se, de um lado, encontram-se idosos que vivem institucionalizados, e de outro, idosos que moram só (cujo número está crescendo, segundo dados censitários), no meio, há um amplo espectro de arranjos familiares e domiciliares (GOIS, 2015). É neles que vivem a maior parte dos idosos brasileiros, idosos jovens ou centenários, idosos autônomos ou dependentes, avós e bisavós tecendo laços com as demais gerações, disputando espaço e (re)definindo seu papel na família e na sociedade (GOIS, 2012; VALERY, 2014).

É fato notório que a imagem dos idosos como dependentes, antes centralizado pelo discurso médico e do serviço social, passou a ser relativizado por outras imagens que emergem e se consolidam: a de idosos participativos em todos os campos: social, afetivo e econômico. Isto já aconteceu com o

idoso chefe de família ou provedor de núcleo familiar intergeracional, chegando-se ao idoso cuidador. Aliás, vários estudos já salientaram o papel dos avós (principalmente, mas não somente, de camadas sociais mais pobres) que se tornaram chefes de família e principais provedores e cuidadores (CAMARANO e PASINATO, 2011). Assim, apesar de dispor de poucos recursos oriundos de aposentadoria ou pensão, procuram ajudar as famílias que acabam morando sob seu teto e sustentam boa parte da economia de muito pequenos municípios do interior do estado do Rio Grande do Norte, onde este fato já foi averiguado (VALERY, 2011). Deste modo, passam a assumir, querendo ou não, nova identidade social numa sociedade em crise e em transformação (EWALD, 2005).

Neste caso, o que há de novo é que, além de dedicar-se aos crianças, jovens e adolescentes, precisam amparar outro grupo crescente: seus próprios pais idosos, cada vez menos autônomos e mais dependentes enquanto a idade avança. Multiplicam-se então os núcleos familiares de idosos e com idosos, com netos e bisnetos (VITALE, 2005; VALERY, 2012) em diferentes situações de arranjos intergeracionais (GOIS, 2015), em todas as classes sociais.

Conclusão

Num contexto de mundo pós-moderno que se globaliza e cujas referências são flutuantes, o envelhecimento e as transformações no âmbito das famílias criam condições para emergência de novas subjetividades e novos comportamentos. No entanto, faltam modelos e valores que sustentem a produção de sentido. É o caso quando se verifica o mal-estar sentido pela emergência de figuras antes altamente improváveis de existir, tais como os mais idosos. No seio das relações intergeracionais, há, hoje, cada vez mais possibilidades de crianças, adolescentes e jovens, conhecer e conviver com seus mais idosos. É importante fator de integração social para eles, bem como de produção social e simbólica de novos laços, que visa compensar o medo ligado ao possível isolamento e abandono que assola os mais velhos, a ausência da possibilidade de construir um “projeto de vida”, o avanço da idade e a busca de nova identidade: os idosos e mais ainda as idosas estão em busca de reconhecimento de seu papel na família e na sociedade.

Em conclusão, os membros da família pertencentes às gerações mais velhas estão cada vez mais presentes e desempenham vários papéis: como companheiros de brincadeira e auxiliares na socialização das crianças; como suporte financeiro no sustento de famílias inteiras (principalmente mediante repasse dos recursos oriundos de aposentadorias ou pensões para financiar as atividades

dos demais membros das famílias nas áreas rurais e pequenas cidades do interior); como contrapeso nas relações afetivas familiares; como responsáveis pela guarda e educação dos mais jovens, e principalmente como pessoas que reivindicam um lugar na família e na sociedade contemporânea, como exemplo de vida e superação. Há, portanto, hoje, uma grande diversidade de situações que envolvem o papel dos membros mais idosos das famílias brasileiras, em todas as classes sociais. Tendo em vista que a condição de mais idoso oscila entre autonomia e dependência, há muitos idosos vivendo só ou em situação de co-habitação ou da co-residência intergeracional: além dos idosos, seus filhos e netos, há outros parentes presentes, dentre os quais os próprios pais dos idosos, em alguns casos seus avós. Nos atos da vida cotidiana (em refeições feitas pela família fora de casa nos domingos, como hoje é hábito) e nas festas de família (aniversários, batizados, bodas, por exemplo), os mais idosos fazem-se presentes, sendo sua presença festejada. Lá estão os novos sujeitos sociais que o inexorável processo de envelhecimento multiplica, para lembrar que envelhecer é um jogo de perdas e ganhos, e que a cada hora nós também nos tornamos mais idosos.

Referências

AGUIAR, J.E. A experiência da coresidência para idosos em família intergeracional. 2007. Mestrado em Enfermagem, UFPR, Curitiba. 2007.

BRITTO da MOTTA, A. Família e gerações: atuação dos idosos hoje, In: _____. Família, gênero e gerações: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007. P. 111-134.

CAMARANO, A. A. et al. Como vive o idoso brasileiro? In: Camarano, A. A. (orgs). Os novos idosos brasileiros muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

_____. PASINATO, M. T.

DANIEL, F.; SIMÕES, T.; MONTEIRO, R. Representações sociais do «Envelhecer no masculino» e do «Envelhecer no feminino». Ex aequo, Vila Franca de Xira, n. 26, 2012. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602012000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 ago. 2015.

EWALD, A. P. identidade e construção do sujeito numa era de incerteza. In: Zugueib Neto, J (Org). Identidades e crises sociais na contemporaneidade. Curitiba: UFPR, 2005.p. 215-231.

GOIS, L.H.C, de. Minha casa tem meu jeito? percepção e representação sobre o uso e ocupação do espaço entre gerações. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). 2012, João Pessoa. Resumos/Anais... João Pessoa: REDOR, 2012.

KUCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. Soc.estado., Brasília, v. 27, n. 1, p. 165-180, Abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000100010&lng=en>. Acesso em: 07 ago. 2016.

SANTANA, N. C. G. Criança e adolescente sob guarda de avós. Dissertação (Mestrado em Família na sociedade contemporânea). Universidade Católica de Salvador, 2011. 131 p.

VALERY, F.D. A vida privada entre as quatro paredes de um quarto: permanências e transformações do cotidiano em famílias de idoso e com idoso em Natal/RN. Anais do 41º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos São Paulo, 21 de maio de 2014. São Paulo: CERU, 2014.

_____. Possibilidades e limites da co-habitação intergeracional em Natal: reflexão sobre espaços e tempos sociais. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR). 2012, João Pessoa/PB. Resumos/Anais...João Pessoa: UFPB, 2012.

_____. Da casa de família ao espaço Gourmet: reflexões sobre as transformações dos modos de morar em Natal-RN. Cadernos do CERU, v.22, n.1, 2011. São Paulo: USP/CERU, 2011.

VITALE, M.A.F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. In: Acosta, A.R.; Vitale, M.A.F. (Orgs.). Família, redes, laços e política públicas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 93-105.